

SENADO FEDERAL

O PAÍS

Arruda já admite a renúncia

Isolado, senador disse a amigos que pode tomar a decisão antes de ser acareado

Rodrigo França Taves e Adriana Vasconcelos

BRASÍLIA

Em conversas com dois amigos e correligionários na sexta-feira e no sábado, depois de seu depoimento no Conselho de Ética, o senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) admitiu a possibilidade de renunciar ao mandato para evitar a cassação. Ele poderá tomar a decisão na próxima quinta-feira, dia da acareação com Antônio Carlos Magalhães e com a ex-diretora do Prodasen Regina Célia Borges. Arruda reclamou que se sente abandonado politicamente e comentou que, se o tom do noticiário do início da semana não mudar, pretende evitar o vexame desnecessário da acareação.

Já o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) continua disposto a brigar até o fim contra a cassação, embora a cúpula do PFL considere a renúncia o melhor caminho a seguir. O medo dos pefelistas é que Arruda se antecipe a Antonio Carlos e renuncie antes, tirando o impacto da estratégia montada pelo partido para evitar a cassação do senador baiano — considerada quase inevitável diante do clima que se instalou no Senado.

Ciente de que sua cassação ou renúncia aumentará a pressão em torno das investigações sobre o envolvimento no escândalo da

Sudam do presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), Antonio Carlos dá sinais de que poderá aceitar um acordo com seu arqui-inimigo para salvar a própria pele. Interlocutores do senador baiano dizem que ele teria sido sondado por mensageiros do PMDB. O problema é que a pressão da opinião pública, que cobra punição dura contra Antonio Carlos, Arruda e Jader, pode impedir o acordo.

— Não há clima para isso — garantiu o senador Cassildo Maldaner (PMDB-SC).

PFL diz que ACM não será abandonado

Embora a maioria dos pefelistas esteja convencida de que a renúncia é a saída de menor desgaste para Antonio Carlos e para o próprio partido, essa sugestão só deverá ser apresentada ao senador baiano depois da acareação de quinta-feira. Mesmo que ele resista à idéia, o PFL não deverá deixá-lo à própria sorte.

— Continua valendo a nota da executiva nacional. Não vamos abandoná-lo — afirmou o senador Agripino Maia (PFL-RN).

O caso de Arruda é diferente. Depois de se desfiliar do PSDB para não ser expulso, Arruda sente-se completamente solitário. A população do Distrito Federal já deixou claro que o considera culpado e quer vê-lo cassado. Num pesquisa publicada pelo "Correio Brasileiro" ontem, 48% dos entrevistados disse-

ram que ele deve ser cassado, 29% defenderam uma punição menor e apenas 15% disseram que ele não deve ser punido.

O senador se queixou com os amigos — um advogado e professor e um ex-funcionário da Câmara Distrital — de que não recebeu nem um telefonema do presidente Fernando Henrique Cardoso desde o dia em que deixou a liderança do governo no Senado. Ele chegou a ter esperanças de receber ajuda do Palácio do Planalto no dia em que publicou-se a informação de que o presidente teria achado uma canalhice do PSDB a ameaça de expulsão. Horas depois, no entanto, Fernando Henrique mandou o porta-voz desautorizar qualquer comentário em seu nome.

Arruda passou o fim de semana recolhido, longe da imprensa. Na casa do senador, disseram que ele está viajando. Sobre a acareação, ele acha que os senadores e a opinião pública já estão convencidos de que a ex-diretora Regina Célia disse a verdade no depoimento dela sobre a fraude no painel de votações do Senado, e que partir para o confronto aberto com a funcionária vai piorar ainda mais sua situação dentro e fora da Casa.

Com a renúncia, Antonio Carlos e Arruda se livrariam do processo de cassação, hoje já defendido pela maioria do Senado, e evitariam a perda de seus direitos políticos. Mas isso se

eles renunciarem antes do processo de cassação ser aberto pela mesa do Senado.

— A renúncia seria uma forma de escapar desse processo — concordou o senador Pedro Simon (PMDB-RS).

Saturnino: renúncia facilitará explicações

O senador Saturnino Braga (PSB-RJ) concorda com Simon e acrescenta que a renúncia daria a Arruda a oportunidade de explicar-se ao seu eleitorado:

— A defesa que tinha para fazer, já fez. Se ele acha que está sendo injustiçado e pensa numa oportunidade de debater a sua situação, vai renunciar. Livre da suspensão, ele pode disputar as eleições de 2002 e ter a oportunidade de se explicar aos eleitores, que são os juízes últimos da questão.

O senador fluminense já não espera a mesma atitude de Antonio Carlos Magalhães:

— A diferença está na personalidade.

O senador Romeu Tuma (PFL-BA), corregedor-geral do Senado, disse ontem que a Polícia Federal não encontrou a lista com os votos dos senadores na cassação do ex-senador Luiz Estevão nos disquetes apreendidos na sala de trabalho de Ivar Ferreira, funcionário do Prodasen.

COLABOROU: Chico Otavio